

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



ARTIGO

PAULO FREIRE E DARCY RIBEIRO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Paulo Freire and Darcy Ribeiro: a dialogue needed

Paulo Freire y Darcy Ribeiro: un diálogo necesario

Lia Faria

Pós-doutora em Educação pela Universidade de Lisboa
- Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ/PROPED

E-mail: liafolia11@gmail.com

Rosemaria J. Vieira Silva

Professora da Secretária Estadual de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC/RJ

Mestre em Educação (UERJ)

Como citar este artigo:

FARIA, Lia; SILVA, Rosemaria J. V. Paulo Freire e Darcy Ribeiro: um diálogo necessário. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. vol. 1, n. 1, p. 07-21, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 1 (2019)
ISSN 25959026

PAULO FREIRE E DARCY RIBEIRO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Paulo Freire and Darcy Ribeiro: a dialogue needed

Paulo Freire y Darcy Ribeiro: un diálogo necessário

Resumo

O presente artigo visa recuperar um momento histórico na educação brasileira, o Seminário: *CIEP - CRÍTICA E AUTO-CRÍTICA*, ocorrido no Município de Niterói-RJ, em 1991. Tal evento reuniu Paulo Freire e Darcy Ribeiro, dialogando acerca de suas trajetórias profissionais e experiências de vida. A partir da imagem desse encontro, buscamos tecer uma reflexão que rememore o pensamento político-educacional daqueles grandes mestres da educação brasileira. Cabe destacar que mesmo que o encontro tenha acontecido há anos atrás, as discussões se aplicam na atualidade, considerando o momento em que a educação brasileira passa no que se refere ao clamor ideológico de uma escola sem partido, como se isso fosse possível. As experiências, destes mestres contribuem de sobremaneira para a ciência e a política educativa. Para esta reflexão além da consulta bibliográfica pertinente ao tema, utilizamos matérias de jornais da época, recuperando a transcrição do diálogo dos atores sociais que encenaram historicamente aquele *lugar de memória*.

Palavras-chave: Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Educação.

Abstract

This article aims to recover a historical moment in Brazilian education, the Seminar: *CIEP - CRITICISM AND SELF-CRITICISM*, held in the city of Niterói-RJ, in 1991. This event brought together Paulo Freire and Darcy Ribeiro, discussing their professional and experiences. From the image of this meeting, we sought to weave a reflection that recalls the political-educational thinking of those great masters of Brazilian education. It should be noted that even if the meeting happened years ago, the discussions are currently applied, considering the moment when Brazilian education passes on the ideological clamor of a nonpartisan school, as if that were possible. The experiences of these masters contribute greatly to science and educational policy. For this reflection in addition to the bibliographic consultation pertinent to the theme, we used newspaper articles of the time, recovering the transcription of the dialogue of the social actors who historically staged that place of memory.

Keywords: Paulo Freire; Darcy Ribeiro; Education.

Resumen

El presente artículo pretende recuperar un momento histórico en la educación brasileña, el seminario: *ciep - crítica y auto-crítica*, ocurrido en el municipio de niterói-rj, en 1991. Tal evento reunió a Paulo Freire y Darcy Ribeiro, dialogando acerca de sus trayectorias profesionales y experiencias de vida. A partir de la imagen de ese encuentro, buscamos tejer una reflexión que rememore el pensamiento político-educativo de aquellos grandes maestros de la educación brasileña. Es importante destacar que, aunque el encuentro haya ocurrido hace años, las discusiones se aplican en la actualidad, considerando el momento en que la educación brasileña pasa en lo que se refiere al clamor ideológico de una escuela sin partido, como si eso fuera posible. Las experiencias, de estos maestros contribuyen de sobremanera a la ciencia y la política educativa. Para esta reflexión más allá de la consulta bibliográfica pertinente al tema, utilizamos materias de periódicos de la época, recuperando la transcripción del diálogo de los actores sociales que realizaron históricamente aquel lugar de memoria.

Palabras-claves: Paulo Freire; Darcy Ribeir; Educación.

A guisa de uma introdução

Eu agradeço a vocês de terem me trazido aqui. Porque desde que eu cheguei do exílio, esta é a primeira vez que estamos juntos, em público ... a gente diz da gente, a gente diz da luta da gente, a gente diz da capacidade e da necessidade de querer bem, de amar e do compromisso da gente com a escola pública, com a educação, com o povo brasileiro. (Paulo Freire, Seminário Crítica e Auto-Crítica, 1991).

A presente reflexão visa a recuperar um encontro histórico para a educação, ocorrido em meio ao processo de redemocratização política do país, naquelas décadas de 1980 e 1990, trata-se do Seminário: *CIEP - CRÍTICA E AUTO-CRÍTICA* (Niterói, 1991).

Abaixo, matéria de jornal informativo a respeito do evento,

NITERÓI: CAPITAL DA EDUCAÇÃO:

Encontro histórico para a educação do Estado do Rio de Janeiro aconteceu nos dias 8 e 9 de junho, nas dependências do Bucsky Mar Hotel, em Niterói. Numa promoção da Prefeitura de Niterói e realização da Secretaria Municipal de Educação, após 26 anos, Darcy Ribeiro e Paulo Freire se unem para passar suas experiências a um grupo de professores e diversos profissionais da área da educação, que discutiram os modelos de educação oferecidos pela rede pública.¹

Naquela mesa-redonda, espaço de memórias², os dois educadores se reencontraram em um ato público pela primeira vez, após o exílio. Na ocasião, os mestres falaram sobre suas trajetórias, experiências e esperanças para o futuro. Portanto, a obra em tela assinala as contribuições do pensamento destes intelectuais à educação brasileira e latino-americana, apontando para a necessidade de uma reflexão sobre os possíveis pontos de encontro entre os seus discursos, utopias e ações.

Os dois brasileiros, em seu caminhar profissional e político, trilharam caminhos próximos, únicos, sem perder os sonhos e as utopias de construção de um Brasil republicano e de um mundo mais justo e solidário. Em algumas ocasiões, em conjunto, pensando uma universidade mais democrática para o Brasil, quando do nascimento da Universidade Nacional de Brasília (UnB). No ato da inauguração Darcy se torna o primeiro Reitor e Anísio Teixeira o Vice-Reitor.

1 Cf. Assessoria de Imprensa/Prefeitura Municipal de Niterói e Secretaria Municipal de Educação, p. 1.

2 Cf. Pierre Nora (1990), os lugares de memória, são lugares constantemente abertos à extensão de suas significações, sobrevivendo devido a sua aptidão à metamorfose, mas ao mesmo tempo, sem perder a identificação (DIAS, 1983). Logo, aquele encontro/espaço se torna revelador de um passado de memórias.

Portanto, embora mantivessem ideias e estilos próprios, o que os nossos estudos assinalam é que o foco de suas ações se revelava único, em direção à luta pela plena escolarização dos excluídos. Tanto Paulo, como Darcy, foram exilados pelo regime militar de 1964 e, como andarilhos-sonhadores, perambularam pela América Latina, sonhando com o momento do regresso, da volta para casa.

Cartografando percursos

Cartografar significa a “arte de elaborar cartas geográficas” (FERREIRA, 1989, p. 120), mapear terrenos, desenhar espaços, para nós, nesse momento, significa:

Indagar, perscrutar, liberar lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. Levar ao encontro de referências pessoais e dos lugares de memória social (...) permitir a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar. (...) neste sentido, (...) é decifrar aos poucos, e pelo movimento, um palimpsesto. Reconhecendo e colocando em relação textos anteriormente escritos a muitas mãos, alguns fragmentos perduram, outros traços, por processo análogo, são apagados (CERTEAU, 1994, p. 26).

Portanto, é necessário o movimento profícuo de cartografar/mapear os espaços ocupados e desenhados, por Darcy Ribeiro e Paulo Freire, refazendo assim, o caminho das águas, buscando a beleza daquele encontro. Como indica Certeau (1994, p. 27), “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou zigzagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas dessas presenças me são conhecidas”.

Paulo Freire: cartografando esperanças

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido simplesmente como Paulo Freire, nasceu em 19 de setembro de 1921, em uma família de classe média (Recife). Entrou para a Universidade do Recife (PE), em 1943, para cursar a Faculdade de Direito, dedicando-se também aos estudos de filosofia da linguagem. Conforme sua história de vida preferiu trabalhar como professor numa escola de segundo grau, ensinando língua portuguesa. Em 1944, casa-se com Elza Maia Costa de Oliveira, uma colega de trabalho, tendo cinco filhos (GADOTTI, 1996).

Em 1946, Freire foi indicado diretor do Departamento de Educação e Cultura, do Serviço Social da Indústria (SESI), no Estado de Pernambuco. No início da década de 1960, montou um plano de alfabetização de adultos, que serviu de base ao desenvolvimento do que se denominou Método Paulo Freire de alfabetização popular, reconhecido internacionalmente.

Em 1961, foi indicado ainda para diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife e, em 1962, teve sua primeira oportunidade para a aplicação de suas teorias, quando ensinou 300 adultos a ler e a escrever em apenas 45 dias. Neste mesmo período, o ministro da Educação Paulo de Tarso autorizou a criação dos “círculos de leitura”, tendo sido estes mais tarde, oficializados no Plano Nacional de Alfabetização na gestão de Júlio Sambaqui (1996).

No entanto, em 1964, o golpe militar silencia aquelas utopias. Freire foi encarcerado por 70 dias, em seguida foi obrigado a se exilar na Bolívia. Também trabalhou no Chile por cinco anos, para o Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã e, para a Organização de Agricultura e Alimentos da Organização das Nações Unidas. Em 1967, como ele mesmo rememora em sua fala no evento, Freire publicou seu primeiro livro, *Educação como prática da liberdade*.

O livro foi bem recebido, tendo sido então convidado como professor visitante da Universidade de Harvard em 1969. No ano anterior, ele escrevera seu mais famoso livro, *Pedagogia do Oprimido*, publicado em várias línguas.³ Depois de um ano em Cambridge, Freire se mudou para Genebra (Suíça), para trabalhar como consultor educacional para o Conselho Mundial de Igrejas. Durante este tempo, atuou na reforma educacional em colônias portuguesas na África, particularmente Guiné Bissau e Moçambique.

Retornou em 1980, filiando-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), na cidade de São Paulo, e atuando como supervisor no programa do partido para alfabetização de adultos (1980- 1986). Quando Luiza Erundina assume a prefeitura nas eleições municipais de 1988, período em que foi indicado como Secretário de Educação de São Paulo, não concluindo, entretanto, o mandato até o final. (GADOTTI, 1996).

Em 1991, o Instituto Paulo Freire foi fundado em São Paulo para dar continuidade e refletir sobre suas teorias acerca da educação popular. Freire faleceu de um ataque cardíaco em 2 de maio de 1997, às 6h53, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

3 Devido à ditadura militar, o livro não foi publicado no Brasil até 1974, quando o general Geisel assume e dá início ao processo de abertura política.

Ao analisar as questões referentes ao direito à educação no Brasil, é indispensável investigar a obra de Paulo Freire, teórico da educação dialógica, buscando na sua carreira como educador, a conscientização dos indivíduos sobre a importância da educação para a formação de um Estado democrático.

A constituição do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire tem como *locus* principal o Brasil e a América Latina da década de 1960 e, a partir dos anos de 1970, chega à África e dissemina-se por todo o mundo, influenciando inclusive países da Europa e da América do Norte. Essa disseminação teve como ponto de partida e referência fundamental o livro *Pedagogia do Oprimido*, embora somente aos poucos os estudiosos deste pensamento fossem descobrindo sua magnitude, sua complexidade e sua heterogeneidade. No entanto, “a descoberta dessas características não impediu que se mapeasse temas nucleares do pensamento freireano - cujo movimento dialético foi vincado por um fio condutor teórico-metodológico permanente expresso no binômio educação-política” (SCOCUGLIA, 1999, p.1).

Neste sentido, as análises desenvolvidas no livro “*Pedagogia do Oprimido*”, discute as relações e tensões entre opressor e oprimido. Também faz críticas, ao longo de sua obra, a *educação bancária*, em que, demonstra que o educando é “treinado”, muitas vezes, para obedecer a ordens, sem contestá-las. Evidencia que, para o rompimento da relação de opressão entre educador/educando é fundamental a mudança da consciência político-pedagógica da educação, assinalando que o professor é a referência da relação ensino-aprendizagem, defendendo, portanto, a troca *dialógica* de experiências e saberes entre professores e alunos (FREIRE. 2015).

Esses dois teóricos em questão, um nordestino e um mineiro foram atores sociais de um processo histórico e político, que sofreu uma ruptura pelo golpe militar de 1964, abortando aquele projeto por eles sonhados, de uma nação democrática e republicana, conseqüentemente, interrompendo a construção de uma *escola pública para todos*, proposta nos textos da Constituição Federal de 1946 e, da primeira Lei de Diretrizes e Bases Nacional de 1961.

Darcy Ribeiro: cartografando utopias

Marcos Darcy Silveira Ribeiro, mais conhecido como Darcy Ribeiro, nasceu em 1922, na cidade de Montes Claros, interior de Minas Gerais. Ficou órfão de pai aos três anos de idade, sendo criado por sua mãe, mestra Fininha, que era professora alfabetizadora de adultos. Em sua autobiografia, Darcy diz que foi ajudando os alunos de sua mãe que ele se tornou educador: às vezes ajudava os recém-ingressos segurando a mão deles com um lápis para domesticá-la, afim de que aprendessem a escrever (RIBEIRO, 1997, p. 31).

Nos relatos proferidos na mesa junto a Paulo Freire, Darcy lembrou o período ginásial, o descrevia como pouco significativo, tendo chegado à Universidade, em Belo Horizonte, com uma “inocência espantosa”, devido ao seu desconhecimento sobre o mundo. A seguir, ingressou no curso de Medicina por influência da mãe e de um tio, que era médico, e aos seus olhos o homem mais inteligente e respeitado da cidade.

O curso de Medicina começou bem até o dia em que descobriu que poderia frequentar os cursos das outras faculdades. Encantou-se com as disciplinas de sociologia, direito, filosofia, literatura, história, entre outras. Foi assim, com uma imersão em outros campos e sem dedicação a medicina que o mesmo foi reprovado por três anos seguidos no curso de medicina (RIBEIRO, 1997). Após as reprovações Darcy recebeu um convite para ir estudar em São Paulo, tirou férias por um breve período e após algumas conversas com seus familiares resolveu ingressar no curso de Sociologia, em 1942.

Nesse período, ao cursar sociologia, Darcy recebeu uma bolsa de estudos, e, sua tarefa era ajudar um dos professores da faculdade a elaborar uma bibliografia crítica sobre a literatura brasileira e alguns ensaios de interesse sociológico. Dessa forma, aprofundou suas leituras literárias para poder fazer a classificação dos livros. Foi durante esse trabalho que ele teve a oportunidade de aprofundar seu conhecimento sobre o povo e a cultura brasileira. Para Darcy, essa literatura deu a ele mais embasamento teórico do que todo o resto do curso: “aquela bibliografia me puxava para dentro do Brasil e das brasilidades, me dando matéria concreta para nos pensar como povo e como história” (RIBEIRO, 1997; p.125).

Logo que se formou em Sociologia foi contratado como etnólogo da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, por influência do Marechal Rondon. Assim se inicia uma outra fase em sua vida, que o marcaria para sempre, a de indigenista. A primeira etnia que observou foi a dos *kadiwéu* que situava em terras do Estado de Mato Grosso, hoje, e após divisão do estado se encontram em Mato Grosso do Sul.

Darcy criou o Museu do Índio (RJ), tendo como objetivo mostrar que o povo indígena não é violento, nem sanguinário. Além disso, o museu acolheu o primeiro curso de pós-graduação para formar antropólogos no Brasil. Em todas as observações que realizou, tanto dos índios como de outras populações, tentou desfazer-se dos preconceitos, e, no caso indígena afirmou que não houve aculturação ou assimilação, mas sim, transfiguração étnica como forma de resistência aos processos da cultura invasora.

Muitas das ideias utilizadas por Darcy na educação tiveram origem naquelas observações acerca dos costumes e tradições das tribos indígenas.⁴ No entanto, somente começou a se interessar e trabalhar ativamente pela educação depois de conhecer Anísio Teixeira, de forma que as causas defendidas por Anísio se tornaram suas causas também.⁵

Darcy foi apresentado a Anísio por intermédio de um amigo comum, Charles Wagley, que trabalhava com Anísio no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), onde estava sendo criado o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Conheceram-se durante uma palestra de Darcy sobre a vida social dos índios *Ramkokamekra* (RIBEIRO, 1997).

De acordo ainda com suas *Confissões* (RIBEIRO, 1997), foi durante esse primeiro encontro intelectual, que um se apaixonou pelo outro. Anísio se encantou com a inteligência e a fala apaixonada de Darcy, já este se encantou pela inquietude e questionamentos do primeiro.

Darcy teve sua primeira atuação no plano da educação ao longo do processo de construção, da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1961), tendo atuado intensamente ainda na luta pela criação da UnB.

O cenário político dos anos de 1950 e 1960 possibilitou a aproximação entre as ideias de diversos educadores, tais como Anísio e Darcy. Esta aproximação resultou em busca de um mesmo ideal, o de uma escola pública democrática que atendesse à população brasileira, em especial às classes populares, historicamente excluídas.

A realização de ver a UnB erguida durou pouco tempo, tendo seu projeto original sido totalmente destruído pelo golpe militar de 1964. Para Darcy Ribeiro (1997) a razão da queda de João Goulart, não foi à pretensa “ameaça do comunismo”, mas as políticas públicas sociais

4 Um costume dos kadiwéu é que acreditam que o corte de cabelo dado a um menino ao nascer, dita a sua personalidade no futuro. Para o antropólogo, esse seria um exemplo claro de como o consenso de um grupo sobre um indivíduo, pode determinar seus comportamentos no decorrer da vida.

⁵ Cf. Anísio Teixeira – Educação é um direito e Educação não é um privilégio (1973)

voltadas para a melhoria da vida da população, como o início histórico do processo de Reforma Agrária.

No retorno ao país, junto com Leonel de Moura Brizola, nas eleições para o governo do estado do Rio de Janeiro, em 1982, Darcy Ribeiro foi eleito vice-governador, tendo como proposta central de campanha a melhoria da educação. Para efetivar suas ideias, criou o I Programa Especial de Educação (I PEE).

Nos anos de 1990 iniciou a idealizar sua própria fundação: a Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR). Durante o período em que foi senador pelo Rio de Janeiro conseguiu aprovar a proposta de uma Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como Lei Darcy Ribeiro (Lei nº9.394/96). Veio a falecer em fevereiro de 1997, vítima de câncer.

Assim sendo, como se dá o encontro *poético* de Paulo Freire com Darcy Ribeiro? Como diz o poeta carioca Vinicius de Moraes, “a vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros nessa vida” (Samba da Benção, 1989).

Um encontro necessário

Quando aqueles dois mestres se encontraram, no plano das ideias, também se assistiu a um espetáculo de rara beleza intelectual e acadêmica, marcado principalmente pela solidariedade e ternura entre dois educadores, movidos pela mesma causa. Embora houvesse algumas diferenças políticas entre eles, o que se observa em seus estudos e naquela mesa-redonda é que estavam irmanados na utopia socialista, fortalecida agora nesse reencontro enriquecido pela experiência do exílio. As falas que ouvimos naquela ocasião vinha prenhe de esperanças em um Brasil mais justo e igualitário, que oportunizasse o direito à educação.

Portanto, os dois mil educadores que vivenciaram no Município de Niterói, os diálogos de Darcy Ribeiro e Paulo Freire, tornaram-se testemunhas daquele fato histórico e, por conseguinte, guardiões dessas memórias.

Como contribuição as nossas análises, a respeito do significado para a educação brasileira, da aproximação do pensamento desses intelectuais, citamos as palavras do médico

sanitarista e ex-reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Hésio Cordeiro⁶, também presente ao evento:

(...) Na década de 60, a educação revolucionária de adultos no Recife realizada por Paulo Freire e a educação igualmente revolucionária da Universidade de Brasília idealizada por Darcy Ribeiro os levaram a ser expulsos do país. Razão: educavam. Colocavam educação e conscientização juntas, como deve ser. No exílio, Chile e Europa, as utopias dos dois incansáveis e teimosos lutadores da educação de nosso povo, filhos diletos de Anísio Teixeira, correm mundo.

No entanto, Paulo e Darcy continuam longe um do outro, sejam pelos caminhos partidários, sejam pelas desavenças estimuladas pela elite que só pensa no Primeiro Mundo. Mas continuam perto, através do ideal comum e da indignação contra a sociedade “enferma de desigualdades” que exclui 90 milhões de brasileiros em favor das classes dominantes (O Dia, 26 de junho de 1991, p. 17).

A seguir, refere-se ao tão esperado reencontro daqueles que um dia partiram, como o *irmão do Henfil*⁷...

(...) Enfim, voltaram. Darcy inventou os CIEPs. Paulo inquietou os intelectuais da Universidade de Campinas. (...) Porém, Paulo e Darcy não se encontravam. (...) Buscavam novamente a meta única: um país sem analfabetos, com crianças bem nutridas em escolas de horário integral; com adultos e crianças descobrindo as letras (...) um aprendizado para uma existência digna, sem acumulação “bancária”. (Idem, p. 17).

Naquela ocasião, Cordeiro (1991) criticou também, a postura da *mídia*, ainda muito temerosa em se comprometer. Diz ele: “um encontro clandestino apenas para a grande imprensa, mas que na sua intimidade reuniu mais de mil educadores também teimosos, sequiosos de técnicas e de políticas libertadoras e libertárias de educação” (Idem, p. 17,).

Os sentimentos presentes no artigo, intitulado **Paulo Freire, Darcy Ribeiro**, expressavam a indignação dos professores dos sistemas público de ensino, silenciados por mais de duas décadas por um regime de exceção política,

(...) mais de mil educadores buscaram a educação perdida e denunciaram a pedagogia da SUNAB do atual governo que só pensa em mensalidade escolar... {Paulo e Darcy} saíram juntos, abraçados e emocionados. Mas, solitários mais uma vez, em partidos diferentes, em governos distintos. Porém, juntos, indissolivelmente ligados no compromisso pela educação transformadora (FARIA, 1991, p. 17).

⁶ O médico sanitário Hésio Cordeiro foi presidente do INAMPS, nos anos 80.

⁷ Trecho da música O bêbado e o equilibrista In: Elis Regina, Perfil: EMI, 1998.

Quanto à questão ideológica da educação transformadora, Freire se inspira em referenciais marxistas e gramscianos de interpretação e de análise das relações sociais. Porém, esses referenciais não foram de imediato, utilizados por Freire. Tudo nos leva a crer que foi de seu contato com as realidades africanas, particularmente com os movimentos de libertação colonial naquele continente, que tais *interpretações* aderem definitivamente a seu repertório teórico/prático (SCOCUGLIA, 2007).

Nesse sentido, é o próprio Freire (1985, p. 156), quem enfatiza que quando atuava no Movimento Popular de Cultura (MPC),

No fundo, estávamos, sem o saber, nas pistas de Gramsci e de Amílcar Cabral, no que diz respeito à sua compreensão dialética da cultura, do seu papel na luta de libertação dos oprimidos. Não era por acaso que palavras como cultura e popular apareciam tanto no universo vocabular do movimento.

Assim, após seu *encontro* com Marx e, tudo indica posteriormente uma aproximação maior com as ideias de Gramsci, Freire não fala mais em *mudanças sociais*, mas em *revolução social*. Consequentemente, a sua *práxis* educativa muda radicalmente. A ação cultural para libertação, agora, “deve transformar-se em revolução cultural” (FREIRE, 2003, p. 96).

No final dos anos de 1960, quando aceita o convite do Conselho Mundial das Igrejas, Freire, coerente com o novo pensamento, estabelece enfaticamente: “vocês devem saber que tomei uma decisão: Meu problema é o problema dos esfarrapados da terra. Vocês precisam saber que optei pela revolução” (GADOTTI, 1996, p. 163).

Ao mesmo tempo, afirma que:

(...) forjar a unidade entre socialismo e democracia é o desafio que nos instiga, de forma clara, neste fim de século e começo de milênio. Desafio e não destino certo; *utopia* e não *fardo* ou *sina*. *Futuro* como *problema*, como *possibilidade* e não como *tempo inexorável* (FREIRE, 2003, p. 180).

Enfim, registramos mapas/diálogos/memórias que, como águas dos rios, fluíam para formar a utopia única da *escola pública para todos*.

Nas falas pronunciadas naquele dia, podemos destacar diversos assuntos que foram debatidos em suas explanações, Paulo e Darcy se emocionaram e recordaram momentos de suas trajetórias.

Paulo Freire:

Lia Faria, Rosemaria J. Vieira Silva

17

(...) quando eu estive com Darcy pela primeira vez, eu tinha tido essa experiência anterior e como éramos, e somos da mesma geração, a minha nervosidade anterior, e como éramos, e somos da mesma geração, a minha nervosidade foi menor. Mas eu me lembro ainda hoje da emoção com que eu estive diante da cara moça, quase menina, da sua inquietação. E daí em diante ficamos, mesmo que não com encontros assíduos, mas ficamos sempre sabendo um da existência do outro. (...) essas estórias, esses pedaços de estórias, no fundo fazem parte da nossa história, da nossa história de educadores, de intelectuais deste país, por isso mesmo de políticos deste país, um pedaço da história maior que é a história nossa de nós todos no Brasil. Nosso país tem lamentavelmente, não porque a gente queria, uma necessidade enorme de comida pra aqueles que não comem, e aí a escola também faz uma merenda melhor, e isso e aquilo Mas o que eu quero dizer é o seguinte, a especificidade da escola que é a produção do conhecimento, eu até diria mais tecnicamente, que é o espaço e o tempo em que se deve conhecer o conhecimento que já existe, em que se deve trabalhar para experimentar a possibilidade de criar o conhecimento que ainda não existe. Isso afinal é a educação. Você vê que é uma mentalidade, isso é uma concepção imobilista da história. Essa gente não quer mudar nada. Portanto se nega na intimidade da escola o conflito social, é atrasado isso, profundamente atrasado.

Darcy Ribeiro,

O que é Paulo na educação não precisa dizer vocês sabem mais do que eu. Eu vi Paulo se exercer, Paulo é a consciência e a emoção da educação brasileira, (...) Paulo é a sabedoria da educação brasileira, mas eu acho que o traço fundamental é esse, é de um respeito de educador pelo educando. (...) Paulo, esse pessoal que está aqui é a prova testemunhal, carnal, nessas belas pessoas que estão aqui, de que as ideias se encarnam nas pessoas. E quando se encarnam elas ganham a possibilidade de existirem, de se perpetuarem. A ideia do Anísio, que é de todos educadores, do Brasil ter aquela escola que todo mundo tem (...) a única coisa profissionalizante realmente é aprender a ler e escrever e contar. Lula, porque sabia ler, escrever e contar entrou na fábrica e virou metalúrgico, quase foi Presidente da República. Se fosse analfabeto teria ficado varrendo a fábrica, varrendo a porta da fábrica. (...) Anísio sabia que era impossível tomar o sistema todo e melhorá-lo de uma vez, o Anísio fez um experimento, que foi pra nossa geração uma coisa comovedora, que é a Escola Parque da Bahia, no bairro mais miserável da Bahia, era um bairro de palafitas, na lama, na merda. Naquele bairro o Anísio fez a Escola Parque da Bahia. (...) e a escola era para que? Pra receber as crianças quatro horas antes ou quatro horas depois da escola classe. E ele tentou melhorar as escolas classes, os meninos tinham suas aulas na escola classe, e iam pra Escola Parque.

Ao longo da construção deste artigo recuperamos as ideias de uma geração de educadores que tiveram em Paulo Freire e Darcy Ribeiro duas referências importantes. Desta forma, acreditamos contribuir para outros estudos que aprofundem e recuperem os sentidos e significados presentes naquela noite, na cidade de Niterói.

Enfim, quais as causas e utopias políticas que foram capazes de reunir e agregar dois mil educadores, de partidos e ideias diferentes, em uma mesma direção, naquele início dos anos de 1990.

Paralelamente, falas de Darcy Ribeiro naquele diálogo inesquecível, em um quadro político, ainda de muita esperança. No entanto, o que se configurava naquele momento já era um contexto de um futuro de muitas tensões e contradições, que viriam a ser enfrentadas no cenário político nacional da década de 1990, principalmente no que tange à luta pela escola pública/republicana.

(In) possível concluir

Os discursos inquietos de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, marcas constantes em suas trajetórias, nos estimulam a pensar e nos indignar. Pensar e repensar o mundo que se apresenta diante de nós, repleto de violência e perplexidade e, também se inquietar com o presente, pois o que vivenciamos é a permanência de antigos problemas que continuam ainda sem solução.

A *leitura do mundo*, como bem disse Paulo Freire, antecede a *leitura da palavra*. Essa *leitura do mundo* se faz pela capacidade de cada um para escrevê-lo e reescrevê-lo e, transformá-lo pela prática consciente, o que certamente, esses homens fizeram em seus caminhos. Esses intelectuais da educação construíram sua identidade a partir dos seus sonhos, percorreram trilhas adversas por conta de suas opiniões, mas nunca abandonaram suas utopias, perseguiram-nas até o fim de suas vidas, deixando como legado, a luta pelo direito à educação.

Assim sendo, buscamos com a análise dessas falas/memórias sistematizar alguns elementos que facilitassem o entendimento das idéias de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, objetivando a recuperação de vozes que formaram o pensamento educacional brasileiro. Não pretendemos (e não conseguiríamos) aqui, *inventariar* suas concepções filosóficas/pedagógicas, mas intentamos *rememorar* essas presenças marcantes.

Paulo Freire buscou, por toda sua vida, a plena, consciente e libertadora alfabetização para os brasileiros. E Darcy Ribeiro, lutou incansavelmente por uma educação integral para crianças e jovens. Ambos sonharam com uma escola *honest*a, uma verdadeira *máquina de fazer democracia*, como dizia Anísio, no entanto, partiram sem ver essa escola funcionando efetivamente no Brasil.

Como palavras finais, memórias de Paulo Freire naquela ocasião, em meio ao sonho e a esperança da *escola pública para todos*,

Eu quero na presença de vocês todos como educador e dentro do Brasil e fora do Brasil, uma responsabilidade que não me envaidece, mas me deixa feliz pelo que representa, pelo que significa a repercussão de algumas coisas que eu tenho dito e que eu tenho falado nos meus livros, e quero dizer a vocês e dizer também de público e diretamente a Darcy, a alegria que eu tenho de ser brasileiro, exatamente nesse fim de século, a teu lado, defendendo essa coisa, brigando. Se tu um dia tiveres, porque eu não acredito muito nesse negócio que esse governo atual (Governo Collor) vá fazer CIEPs, coisíssima alguma (...) mas eu estarei contigo toda vez que tu tenhas responsabilidade no grito e na mão e na ação, defendendo os CIEPs.

Por isso, e pensando na escola pública para todos, mas não qualquer escola, que alinho em memória as palavras proferidas nessa mesa em 1991 com esses dois intelectuais da educação brasileira. Em memória continuamos dizendo sim à escola pública, uma escola absolutamente política em defesa dos direitos e da esperança. Uma escola que não seja uma escola sem partido. Mas, que saiba exatamente qual é o seu lugar, desejos, funções. Que se alicerce na educação democrática, dialógica e humanizada. Uma escola de direitos. Eis a eminência deste diálogo necessário.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

CORDEIRO, Hésio. Paulo Freire, Darcy Ribeiro In **Jornal O Dia**, 26 de janeiro de 1991.

DIAS, Luiz Francisco (1993). Ser Brasileiro Hoje. In: **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. São Paulo, SP: Pontes, 1983.

FARIA, L. CIEP: **A Utopia Possível**. São Paulo: Livros Tatu, 1991.

_____, L. **Olhar feminino sobre ideologias e utopias dos anos 60: “discurso fundador” de uma geração**. EDUERJ: Rio de Janeiro, RJ, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 52 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

RAMALHO, Renata. Ramalho. In: **Ciência Hoje/RJ**, em 23/03/01.

RIBEIRO, Darcy. **O Livro dos CIEPs**. RJ: Bloch Editores S.A, 1986.

_____, D. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. Editora Universitária – UFPB, 1999.

Recebido em: **29/09/2017**

Aprovado em: **10/03/2018**

Publicado em: **01/01/2019**

Lia Faria, Rosemaria J. Vieira Silva

21